

## A cerâmica de tipo Kuass em Mértola (Portugal). As escavações da Biblioteca Municipal

### Kuass ware in Mértola (Portugal). The Municipal Library's excavations

Vincenzo Soría<sup>1</sup>

UNIARQ/ Universidade de Lisboa

Maria de Fátima Palma<sup>2</sup>

Campo Arqueológico de Mértola/CEAACP

#### RESUMO

Nas últimas décadas, a cerâmica de tipo Kuass tornou-se um fiável indicador cronológico dos contextos pré-romanos e tardo republicanos no sul peninsular (sécs. IV-I a. C.). Contudo, o seu valor não se esgota somente neste âmbito: tratando-se de cerâmica utilizada maioritariamente para o consumo de alimentos em ambiente convívial, é particularmente interessante o seu estudo para a compreensão dos gostos e das escolhas feitas na hora da aquisição destes produtos pelas comunidades antigas. O facto de se tratar dum objeto exógeno cuja tradição oleira inspira-se nos repertórios áticos, não deve pôr em segundo plano o papel do substrato local em termos de aceitação/rejeição de determinadas formas. O objetivo deste trabalho é dar a conhecer um conjunto numeroso e inédito de cerâmica de tipo Kuass, num território particularmente estratégico para a distribuição de produtos na antiguidade, como é o caso da área urbana da antiga cidade de *Myrtilis*, para que se possa posteriormente fundamentar sobre bases sólidas um quadro exaustivo desta problemática através de uma abordagem comparativa macrorregional.

#### SUMMARY

In the last few decades, the Kuass ware has become an important chronological indicator of the pre-Roman and Roman contexts in the South Iberia (4th-1st century BC). However, its significance is not restricted to this realm: as its main characteristic concern with its use as tableware, its study is particularly interesting in order to shed light on the taste and the choices made by the ancient communities. In the site under study, another feature of this artifact is its exogenous nature which legacy is inspired by Attic ceramic repertory. However, it is also recognized the local involvement of the communities in terms of acceptance/rejection of determinate forms. In this vein, the main goals of this study is to present a large

and unpublished set of Kuass ware came from a particularly strategic territory, in which the ancient city of Myrtilis was the focal center, in order to subsequently ground a detailed study through a comparative macro-regional approach.

#### RESUMEN

En las últimas décadas, la cerámica de tipo Kuass se ha convertido en un indicador cronológico fiable de época prerromana y republicana en el sur peninsular (S. IV-I a. C.). Pero su valor no se limita sólo a este contexto: la cerámica utilizada para el consumo de alimentos es particularmente interesante para entender los gustos y opciones tomadas en el momento de la compra de estos productos por parte de las comunidades antiguas. El hecho de que se trate de un objeto exógeno, cuya tradición cerámica inspirada en el repertorio ático, no debe relegar a segundo plano el papel de sustrato local en términos de aceptación / rechazo de ciertas formas. El objetivo de este estudio fue dar a conocer un conjunto grande y sin precedentes de cerámica de tipo Kuass en un territorio particularmente estratégico para la distribución de productos en la Antigüedad, como es el área urbana de la antigua ciudad de *Myrtilis*, de modo a establecer bases sólidas para, posteriormente, elaborar un análisis comparativo macro regional.

**PALAVRAS-CHAVES:** período pré-romano; período romano; cerâmica de mesa de importação; valor; consumo.

**KEY WORDS:** Pre-Roman period; Roman period; imported tableware; value; consumption.

**PALABRAS CLAVE:** período pre-romano; época romana; cerâmica de mesa de importación; valor; consumo.

**CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO / CITATION:** Soría, V. y Palma, M. F. 2017: "A cerâmica de tipo Kuass em Mértola (Portugal). As escavações da Biblioteca Municipal". *Archivo Español de Arqueología*, 90: 77-96. doi: 10.3989/aespa.090.017.004

<sup>1</sup> vinso84@hotmail.it / ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-2891-6681>

<sup>2</sup> tuchapalma@hotmail.com / ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-0936-0523>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. LOCALIZAÇÃO DE MÉRTOLA E DA INTERVENÇÃO

Mértola é uma pequena Vila do interior do Sul de Portugal, situada junto ao curso do Rio Guadiana, a cerca de setenta quilómetros da costa Atlântica e não muito longe da fronteira terrestre com Espanha (Fig. 1). O rio Guadiana foi o elo de ligação não só com a costa Atlântica, mas também com a costa mediterrânica e as suas civilizações. Assim, “a afirmação de que Mértola foi um importante porto do Mediterrâneo na Antiguidade Tardia e na Idade Média pode causar perplexidade a quem dê uma olhadela desatenta sobre o mapa de Portugal” (Gomez 2006: 1). No entanto, este é um território interior, mas que teve excepcionais ligações comerciais, sobretudo, com a área Mediterrânica até finais da Idade Média. Esta antiga cidade de Mértola era e é o ponto terminal do troço navegável do rio Guadiana, pois acima de Mértola, situa-se geograficamente um acidente geológico natural, a queda de água do Pulo do Lobo com um desnível de 15 metros, que impede que a grande via de comunicação, que era o Guadiana, continue até

mais a Norte. Assim, a Mértola chegavam as grandes rotas comerciais do Mediterrâneo e aqui convergiam os caminhos vindos dos centros mineiros de Aljustrel e S. Domingos e também das férteis terras da zona de Beja. Mértola era assim uma espécie de “plataforma de comércio”, onde chegavam diversos produtos de origens diferentes e por onde eram distribuídos.

Nas últimas décadas, a investigação arqueológica no casco urbano e arredores permitiu o reconhecimento de um registo material que aponta para um horizonte cronológico a partir da Bronze final (Barros 2010) e que se prolonga com importantes evidências durante a Idade do Ferro (Rego *et alii* 1996; Arruda *et alii* 1998; Barros 2008 e 2010) apresentando um notável conjunto arquitetónico (Palma 2009) e material também de época romano imperial e tardo imperial (Fernandes 2012), não esquecendo as evidências de período islâmico (Gomez 2006) que tanto marcaram e continuam a marcar a atual identidade da comunidade moderna da cidade.

No presente estudo focar-se-á principalmente em realidades arqueológicas datáveis do período tardo republicano e concretamente em meados do séc. II a. C. Por esta razão é imprescindível considerar as

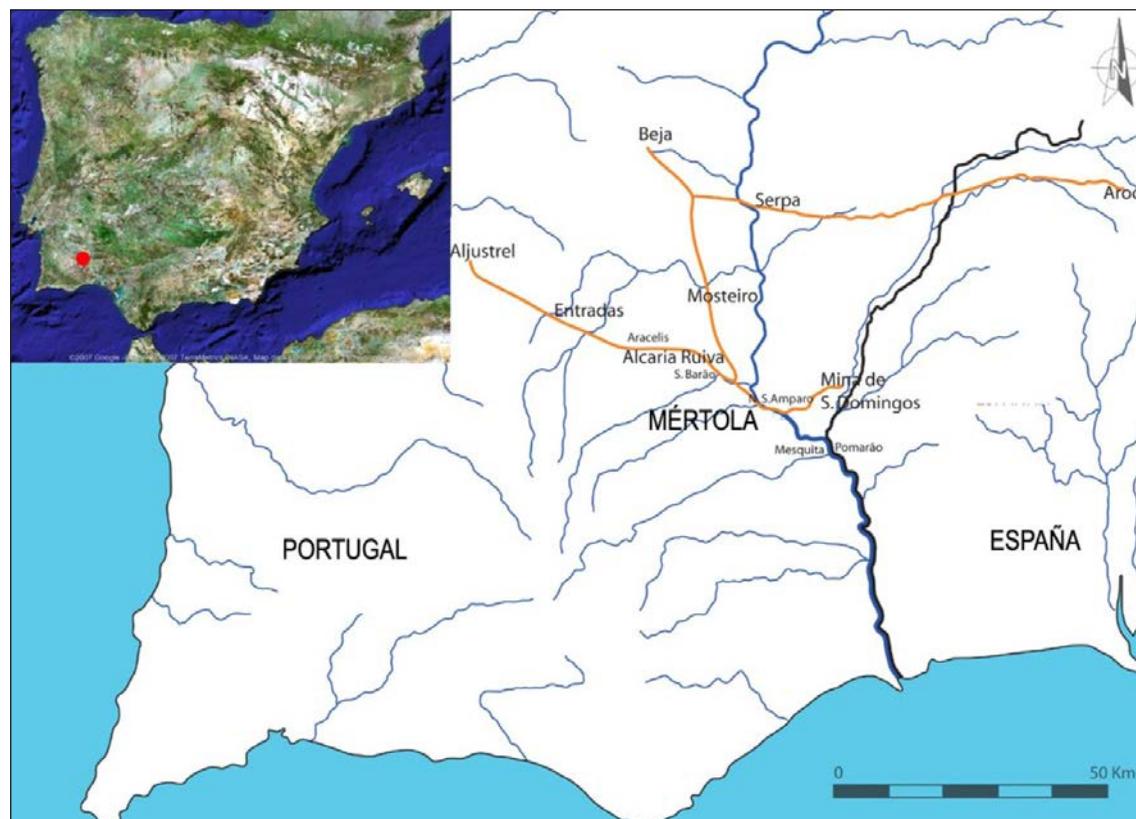


Figura 1. Localização de Mértola.

numerosas evidências artefatuais de período tardo republicano (II-I a. C.) que permitem contextualizar o espólio que se irá descrever. A maioria dos indícios arqueológicos levanta problemas na hora de determinar a própria proveniência. De facto, estes são os resultados de escavações antigas, como é o caso de um depósito de ânforas itálica Dressel 1C e Lamboglia 2 (Fabião 1987; Lopes 2012: 39-40), ou que não possuem relações estratigráficas, como é o caso do conjunto das cerâmicas de mesa de verniz negro itálico proveniente nas proximidades da escavação da Biblioteca Municipal (Luís 2003a).

Neste panorama reveste-se de ainda maior importância o conjunto de cerâmica de tipo Kuass aqui tratado, proveniente de contextos estratigráficos bem datados e proporcionando portanto informações extrínsecas à mera constatação morfológica e tecnológica.

Referimos também a atribuição à cidade da cunhagem de moedas (Faria 1995; Luís 2003a: 52), circunstância que confirma o importante papel da antiga *Myrtilis* tardo republicana.

A área de escavação da Biblioteca Municipal de Mértola situa-se dentro do espaço amuralhado de época Medieval, junto a uma das portas de entrada da cidade, denominada “Porta da Vila” ou “Porta de Beja” (Fig. 2). Esta intervenção localiza-se num antigo espaço de quintal, que durante muitos anos foi deixado ao abandono, depois de ter sido utilizado como área de horta e zona de cultivo. A sua situação de espaço quase fechado, fez com que durante muitos anos, fosse preservada a nível do crescimento urbanístico, como também de outros fatores urbanos, como por exemplo acontece em outros pontos da vila, em que estes espaços abertos se tornavam locais de depósitos de lixo. A entrada para esta área esteve sempre fechada desde o acesso através da rua (Alonso Gomes), sendo apenas acessível desde o quintal do atual Campo Arqueológico de Mértola (CAM). Limitado pelas construções urbanas e pela muralha medieval, este espaço estava estruturado em dois patamares com cerca de três metros de desnível entre si. Diferença esta de cotas, que se pode constatar desde a zona Este da Alcáçova do Castelo até a esta área de ampliação. Do ponto de vista da sua localização face a outros sítios com importância histórica, encontra-se delimitado pela muralha medieval da vila a Norte, pelo edifício da atual Biblioteca Municipal/antiga Prisão a Este, por um edifício particular a Sul e pelo quintal e casas do CAM a Oeste. No entanto, não se pode ignorar o facto de se encontrar a quinhentos metros das traças da antiga Mesquita, atual Igreja Matriz, da zona do Bairro da Alcáçova e complexo episcopal, não muito afastado do Castelo, sua encosta, e da

sua proximidade e acesso ao rio. Desta forma, a sua localização a nível de envolvência é bastante importante e talvez reveladora do que mais adiante irá ser descrito. Por isso se, fizemos o exercício de imaginarmos a zona sem as atuais construções urbanas, esta seria essencial para a orgânica da cidade, localizada mesmo junto à porta de entrada no recinto amuralhado de época medieval, mas que também o terá sido em épocas anteriores, pelo menos desde a Idade do Ferro. Esta área de ampliação do edifício da Biblioteca Municipal de Mértola tem a particularidade de não ser apenas um local comum, mas que se encontra estrategicamente bem situado no núcleo urbano da cidade intramuros, possibilitando a leitura de uma zona fortemente modificada ao longo dos séculos, segundo as necessidades de cada momento.

## 2. OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

### 2.1. A ESCAVAÇÃO NA ÁREA DE EXPANSÃO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL

A intervenção arqueológica na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola foi solicitada ao Campo Arqueológico de Mértola pela Câmara Municipal como medida preventiva. Era intenção do Município ampliar as instalações da Biblioteca com a construção de uma área anexa, a qual se situa nos terrenos a Oeste do edifício mais antigo (antiga Cadeia) e junto da muralha da vila. A situação intramuros do terreno e a existência de vestígios arqueológicos de extraordinária importância, em áreas próximas sem edificar, como a Alcáçova do Castelo de Mértola e da atual Igreja Matriz, permitiram a conservação de vestígios arqueológicos de vários períodos cronológicos. Visto tratar-se de um espaço urbano situado junto de estruturas antigas e onde não se conheciam construções recentes, supôs-se a existência de vestígios do passado. Por este motivo a tutela emitiu um parecer no sentido de se proceder à escavação de toda a área afetada pela obra.

A intervenção arqueológica, realizada pelo CAM, neste local desenvolveu-se em três campanhas de trabalho, sondagem de diagnóstico em 2003, escavação de toda a área no verão de 2005 e 2006 e uma fase final de trabalhos realizados pela Empresa ERA Arqueologia. A intervenção de 2003 incidiu na abertura de uma quadrícula de 4 x 4 m de lado que se desenvolveu em profundidade atingindo as cotas de implantação do projeto de ampliação da Biblioteca. No caso de se ter verificado necessário, a área escavada teria sido alargada visando a completa compreensão dos vestígios arqueológicos encontra-

dos, no entanto, tal facto, nesta primeira intervenção não se veio a justificar. Com esta sondagem apenas se verificou evidente um forno cerâmico datado dos inícios do século XVI, com o qual não se adivinhava a potência estratigráfica que viria a ser verificada nos anos posteriores. Nas campanhas de 2005 e 2006, aquando dos inícios das obras, este local foi alvo de acompanhamento arqueológico das movimentações de terras, logo seguido da escavação em “open area” de todo o espaço a edificar. Nesta intervenção foram detetados importantes vestígios arqueológicos de diversas épocas, os quais abrangem um vasto período cronológico, entre os meados do I Milénio a. C. e o século XVI d. C. A escavação realizada em 2010 teve como objetivo terminar a intervenção arqueológica anteriormente iniciada, assim como libertar o espaço para a construção do novo edifício.

No decorrer da escavação, para além do forno cerâmico Medieval/Moderno detetado na primeira campanha de trabalhos, apareceu nas cotas mais elevadas, um enterramento isolado, datado da Baixa Idade Média, o qual está relacionado com os enterra-

mentos desta época encontrados na zona envolvente da Mesquita/Igreja Matriz de Mértola e da Alcáçova. Sob estas camadas encontrou-se uma série de contextos habitacionais e oficinais de época almóada (Palma e Gómez 2008). Para além destes estratos arqueológicos, foram escavados níveis Tardo-Romanos, e importantes estratos do período Romano – Republicano e da Idade do Ferro. Destaca-se pela sua monumentalidade e primordial aparecimento, um troço de muralha, datada de Época Romana Republicana (século II a. C.), bem como o seu torreão que se encontra em razoável estado de conservação. Na última campanha de trabalhos em 2006, num nível inferior, foi posto a descoberto um outro troço de muralha, esta datada da Idade do Ferro.

Todo este espaço urbano, limitado pela construção das fortificações da cidade e pela diversa e intensa ocupação ao longo dos séculos atesta a continuidade num espaço que tem uma longa ocupação civilizacional e temporal dentro do aglomerado urbano da vila velha de Mértola, aportando-lhe novos contributos. (Fig. 3).



Figura 2. Localização da intervenção arqueológica (segundo Lopes 2012, adaptado).



Figura 3. Planta geral da intervenção.

## 2.2. OS CONTEXTOS ANALISADOS

Os materiais sidéricos recolhidos nas escavações arqueológicas da área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola provêm sobretudo de contextos primários e secundários de ocupação. A estratigrafia identificada, ao longo das quatro campanhas de escavações que tiveram lugar na área de intervenção arqueológica, engloba momentos da Idade do Ferro e do período tardo republicano, que permitem uma análise pormenorizada dos padrões de importação das cerâmicas de tipo Kuass num centro de consumo que se encontra plenamente integrado nos circuitos comerciais do Extremo Ocidental.

Devido à maior quantidade de fragmentos detetados, destacamos as unidades estratigráficas [124] e [148], que, porém, não podemos deixar de enquadrar no seu conjunto. Começamos pelas unidades referentes a estruturas, assim a U. E. [123] trata-se de um torreão de época tardo republicana, ao qual foi associado a muralha com a U. E. [126]. Contudo, na zona mais a Este da escavação, junto à zona onde foi erguido o edifício da antiga Prisão/Biblioteca Municipal de Mértola, foram detetados uma série de contextos de época islâmica que se apoiam e cortam estruturas mais antigas, nomeadamente a muralha romana republicana [126] e o troço de muralha da Idade do Ferro [188], que por sua vez, sobre ela assentaram

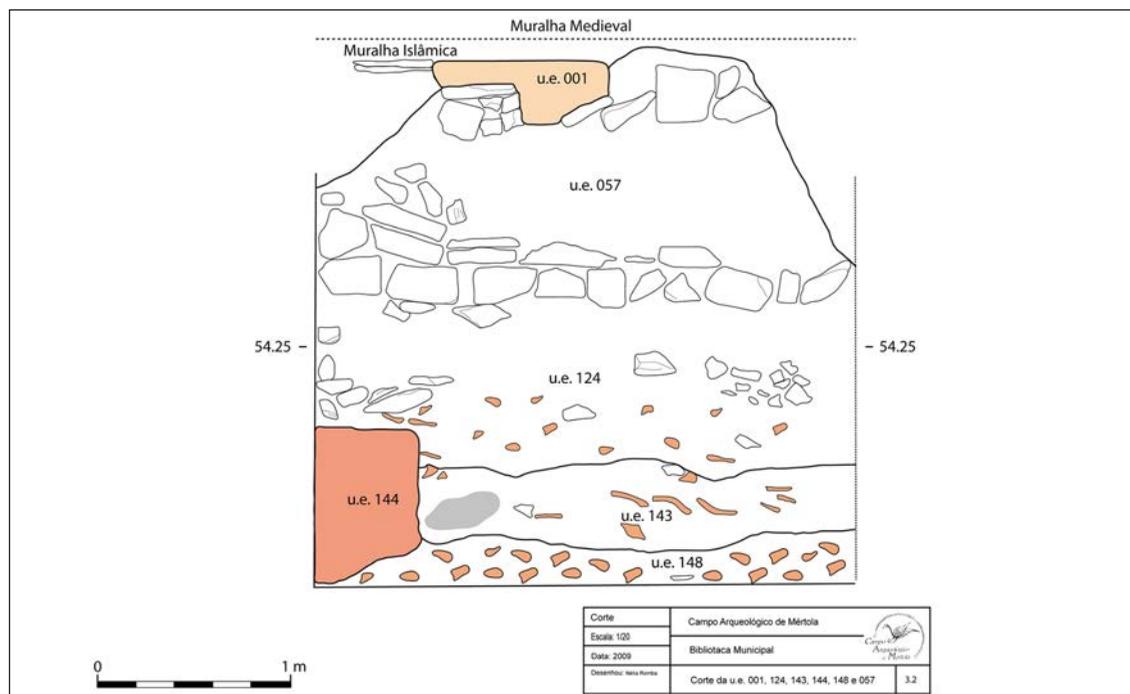


Figura 4. Os contextos em estudo.

estruturas do período islâmico, que em grande parte a cortaram e destruíram.

Nesta zona, há uma área bem definida com as U. E. [124], [143], [144] e [148] que se trata de um espaço entre - o torreão Romano-Republicano [123], a muralha da mesma época [126], o muro [125] e o embasamento da muralha medieval da vila, a qual assenta, apenas, sobre terra. Esta unidade estratigráfica [124] define-se por uma camada de terra semi-compacta com muito material cerâmico e com pedras bem talhadas, resultantes da queda da muralha [126] para esta zona.

Devido à exiguidade da área escavada e das suas limitações urbanísticas foi-nos impossível determinar com exatidão que espaço seria esta U. E. [124]. Contudo, levantaram-se algumas hipóteses, tais como a de se tratar de uma zona extramuros, onde eram vertidos os materiais depois de usados, ou sem utilização ou de se tratar de um depósito de ânforas. Mas o facto de não se terem encontrado ânforas inteiras, e as que possuíam alguma forma não permitirem a sua leitura geral pois apenas apareciam em conexão panças e fundos ou bordos e gargalos. Assim, a hipótese de um depósito de ânforas não se afigurava a mais aceitável. Seguiu-se, sim, a ideia primária de que seria uma zona extramuros onde se vertiam não só as ânforas inutilizadas, como também outros lixos domésticos, outros tipos de cerâmicas, restos de fogo, aos quais

podemos associar as unidades estratigráficas [143], [144] e [148] que sucedem a U. E. [124], sendo estas unidades contemporâneas com a muralha [126] e o torreão de época tardo republicana.

O espólio recolhido consta num abundante conjunto de materiais cerâmicos dentro do qual cabe destacar a presença de ânforas itálicas Dressel 1 e Greco-itálicas, ânforas da baía de Cádiz como as Mañá C2 e T 9.1.1.1 (Palma 2009), cerâmicas de verniz negro itálico de produção *neapolitana* (campaniense A) de fácies média<sup>3</sup>, além de cerâmicas pintada em bandas (entre as quais foram reconhecidas formas designadas como *kalathoi*) e cerâmica comum.

A contemporânea presença destes artefactos permitiu datar estes níveis do período tardo republicano. Uma circunstância eminentemente estratigráfica confirma esta datação: a presença de níveis arqueológicos com materiais da Idade do Ferro subjacentes. Sob a unidade estratigráfica [148] e as restantes que se encontram sob esta, apareceu um muro, que mais tarde entendemos como muralha [188]. O muro/muralha [188] foi rebentada/cortada na zona Sul pela construção da muralha [126] (muralha republicana), aquando da sua construção, como também foi cortado pela construção da mu-

<sup>3</sup> Principal e Ribera 2013. Esta parte do conjunto encontra-se em fase de estudo por um dos autores (V.S.).

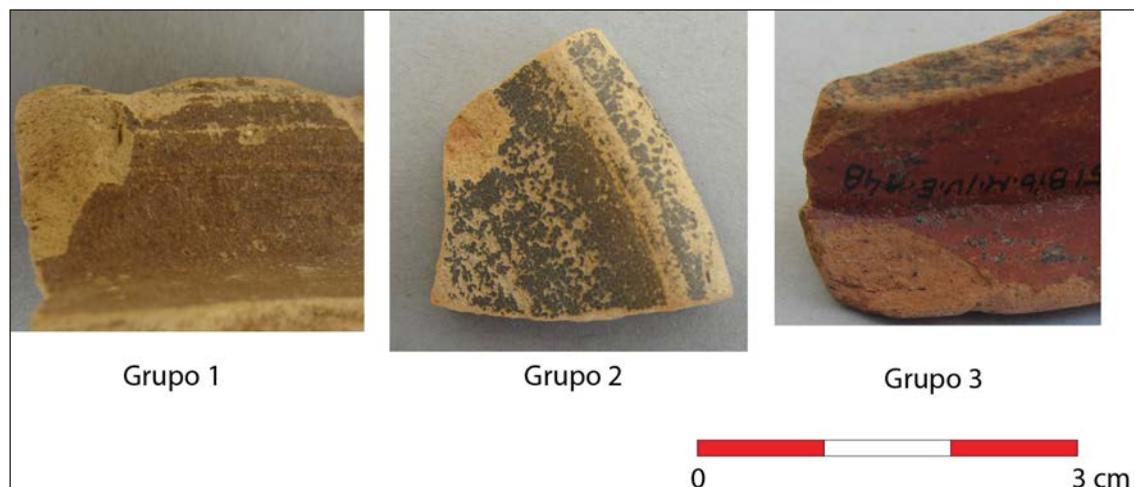


Figura 5. Grupos de Mértola.

ralha medieval. O muro/muralha [188] tem cerca de dois metros de largura e foi desbastado aquando das construções islâmicas que foram implantadas nesta zona. É anterior à muralha [126], pois esta corta-o na sua zona superior e assenta sobre ele, em grande parte. A muralha [126] assenta em níveis do século II a. C., e na muralha [188] que pela sua construção e materiais a si associados se trata de uma muralha anterior às já identificadas, tratando-se assim de uma muralha da Idade do Ferro.

### 3. A CERÂMICA DE TIPO KUASS

#### 3.1. GRUPOS DE FABRICO DE MÉRTOLA

Para o conjunto de Mértola, decidimos distinguir os grupos de fabrico pelas características macroscópicas das pastas porque a ordenação das peças com base nos revestimentos apresentava-se demasiado vaga e carente do ponto de vista classificatório, dada a pluralidade de tonalidades e consistências devido às condições de cozedura ou aos processos pós-depositacionais. O que constatamos foi a correspondência de determinados revestimentos com determinadas pastas, devendo contudo admitir algumas exceções que escapam a este paradigma. É por esta razão que avançamos com a denominação dos grupos com base nos resultados dos processos de cozedura atestados no mundo antigo (modalidade A, B, C).

Grupo 1 (cinzento- cozedura B):

- Pastas pulverulentas, porosas, bem depuradas, cozidas em modalidade redutora (nuances entre cinzento-amarelo/bege claro); presença de

calcário, de micas e partículas cinzentas em pequenas quantidades, embora o calcário seja predominante.

- Revestimento caracterizado por um engobe opaco, aderente ao corpo cerâmico; tonalidades de cinzento claro com partes alaranjadas/avermelhadas (devido a problemas de controlo do oxigénio durante o processo de resfriamento ou no empilhamento das peças para a cozedura, Kbirí Alaoui 2007: 174).

Grupo 2 (intermédio- cozedura não controlada):

- Pastas pulverulentas, porosas, mediantemente depuradas, com aspeto “sandwich” na secção, ou seja, um estrato avermelhado entre dois cinzentos claro, embora algumas peças apresentem estas cores invertidas; presença de calcário, de micas em proporções maiores em relação ao G.1, com inclusões orgânicas e elementos ferruginosos.
- Revestimento caracterizado por um engobe opaco, bem aderente ao corpo cerâmico; apresenta diferentes tonalidades entre o negro- acastanhado- alaranjado- avermelhado.

Grupo 3 (vermelho- cozedura C):

- Pastas pulverulentas, bem depuradas, de cor vermelho intenso embora algumas peças apresentem tonalidades mais ténues e tendentes ao rosado pálido; presença de calcário às vezes de tamanho considerável, importante presença de micas, quartzos, inclusões orgânicas.
- Revestimento caracterizado por um engobe opaco ou semi-vitrificado, bem aderente ao corpo cerâmico embora se encontre desgastado maioritariamente na parte externa das peças; geral-

mente avermelhado podendo variar na mesma peça entre tonalidades mais ou menos intensas.

Considerando a análise macroscópica dos fabricos do conjunto de Mértola e as comparações com as descrições feitas nos principais estudos monográficos sobre esta tipologia cerâmica (Niveau 2003a; Kbirri Alaoui 2007; Sousa 2009; Moreno 2012; Niveau 2014b; Niveau e Sáez 2016), propomos uma verosímil proveniência destes produtos da área gaditana. Contudo, ressaltamos a necessidade de estudos dirigidos à caracterização químico-petrográfica, quer dos conjuntos de referência para este estudo, quer do conjunto de Mértola em si para melhor entender as potencialidades informativas destes em termos de distribuição comercial.

### 3.2. CRONOLOGIA DA PRODUÇÃO

Durante as últimas décadas tem-se vindo a adquirir uma notável quantidade de informações sobre os centros produtores de cerâmica de tipo Kuass, as quais

remetem em discussão as teorias iniciais e antigamente propostas. Aos pioneiros estudos de Ponsich (1968, 1969) em Kuass (Marrocos), associam-se aqueles de Niveau de Villedary (1999; 2003a y 2004b) para a área de Cádiz ao qual se juntam as mais recentes investigações no Vale do Guadalquivir (Moreno 2012; Escacena e Moreno 2014).

O impulso que determinou o início da produção foi entrevisto na conjuntura socioeconómica consequente ao fim das importações gregas para o Mediterrâneo ocidental (finais do séc. IV a. C.) numa lógica estritamente caracterizada por uma sincrónica passagem de testemunho de uma produção para outra (Niveau 2002-2003). Contudo, alguns autores (Sáez 2007: 288) relacionam o começo da produção massiva e estandardizada só a partir do segundo quartel do séc. III, momento em que a área gaditana sai de uma crise económica melhorando as próprias condições produtivas e inserindo-se novamente nos circuitos comerciais mediterrânicos (Sáez *et alii* 2005; Muñoz e Frutos 2005).

O auge produtivo, como demonstram as cronologias das maiorias dos fornos escavados em Cádiz,

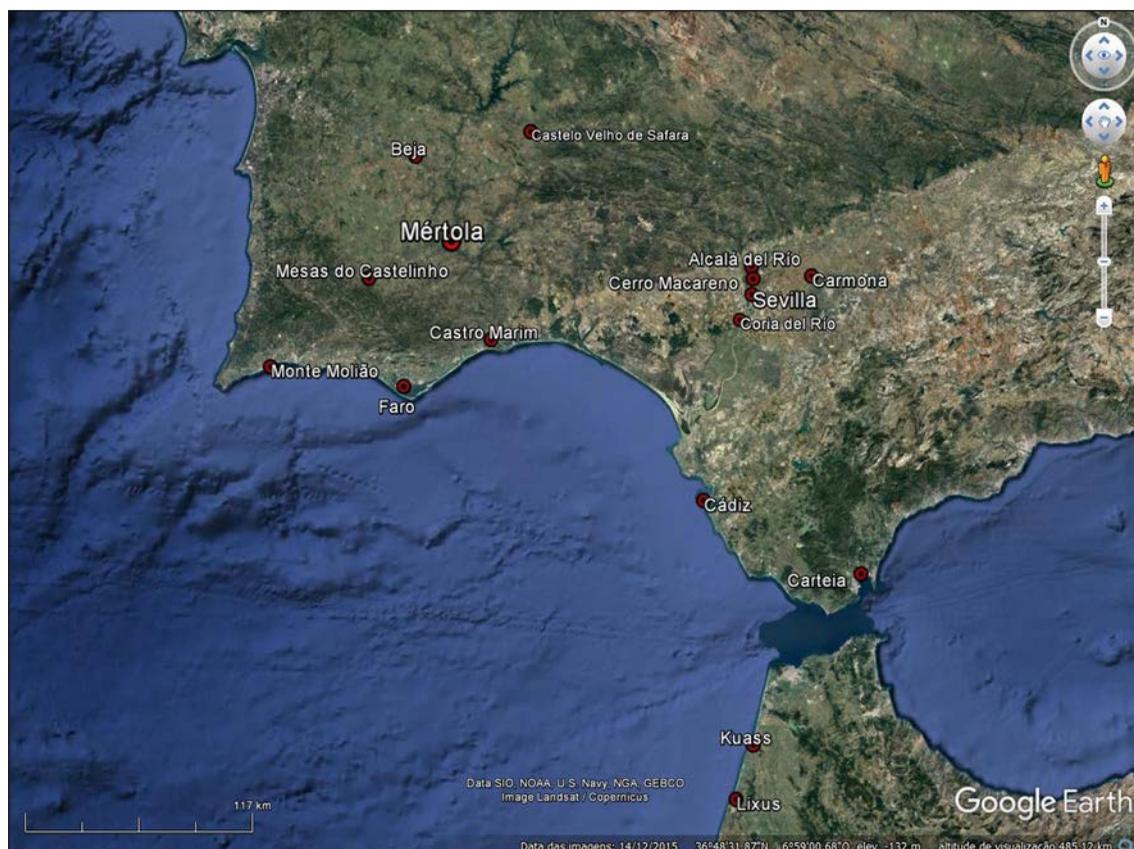


Figura 6. Sítios mencionados no texto. Adaptado do Google Earth.

alcança-se só a partir de meados do séc. III a. C., provavelmente por causa da pujança económica bárcida que aparentemente determinou o aumento de assentamentos oleiros com relativas mudanças a nível técnico e morfológico dos produtos manufaturados (Montero *et alii* 2004; Sáez 2007 e 2008; Niveau 2003b: 19, nota 53). Nesta fase nota-se uma maior diversidade tecnológica e morfológica em relação ao período anterior. As influências do repertório local, assim como eventuais permanências do repertório grego e mediações dos centros púnicos e itálicos, concretizam-se na produção de novas formas. Numa lógica “consumista”, o aumento numérico dos produtos manufaturados não é contabilizado por um elevado *standard* qualitativo: há uma grande variedade dos acabamentos (Niveau 1999: 122) que muitas vezes se traduz numa deficiente qualidade das peças.

Para a fase final de produção dos centros produtores gaditanos foram decisivos os dados resultantes da escavação de um forno e de uma lixeira em Pery Junquera (San Fernando, Cádiz), onde a associação material apontou para o final da produção gaditana por volta do 130/120 a. C. Neste sítio foi possível verificar a presença de formas adotadas do repertório formal das produções tirrénicas em verniz negro itálico (Lamb. 5, 6, 28, 27B, 31, 34, 36, 58) (Niveau 2004a).

Contudo a presença e o consumo destas cerâmicas fora do *hinterland* gaditano é reconhecível em contextos que se prolongam até ao séc. I a. C., embora em alguns casos de forma residual: é o caso de Sevilha (Moreno 2012; Garcia Fernández e Ferrer 2010: 348-367), de Cerro Macareno (Moreno 2012: 53-56),

de Alcalá del Río (Moreno 2012: 62), de Carmona (Roman 2010: 1007) no curso inferior do Guadalquivir e de *Lixus* em Marrocos (Aranegui 2001 e 2005). No caso concreto da zona do baixo Guadalquivir, a aquisição e a produção local de cerâmica de tipo Kuass parecem alcançar o auge durante o séc. II a. C. perdurando até aos finais do séc. I a. C. (Moreno 2012: 135 apud Escacena e Moreno 2014).

Em Carmona e Coria del Río foram recuperados testemunhos de perduração ainda durante o séc. I d.C.: embora descontextualizados, deixam “abierta la sospecha de que fuera una vajilla relativamente normal en fechas altoimperiales” (Escacena e Moreno 2014: 88).

### 3.3. AS FASES CRONOLÓGICAS

O estudo da cerâmica de tipo Kuass está em constante atualização. Isto é particularmente visível no âmbito do estabelecimento das fases de produção. À primeira sistematização da Niveau (2002-03) (Fig. 7) seguiram uma série de outros estudos com base em novas reavaliações do processo produtivo que ampliaram o arco cronológico. De facto, sugeriu-se antecipar o início da produção ao séc. IV a. C. e a diminuição da pujança produtiva durante os inícios do séc. I a. C. (Fig. 7). Este tipo de reavaliação obriga a considerar as formas de utilização da cerâmica de tipo Kuass em articulação com as importações gregas, e posteriormente itálicas assim como com o repertório local. Esta forma de análise tem que ter em conta a natureza do contexto assim como as eventuais ten-

Fase	I	II	III	IV
<b>Cronologia proposta</b>	400- 325 a.C.	325- 250 a.C.	250-200 a.C.	200- 100/75 a.C.
<b>Formas</b>	Taça de borde plano; taça de borde curvo, prato de pescado, <i>saltcellar</i> .	I; II-A; III; VII; VIII; IX-A, B, C; X-A; XIII (jarro); XVII (lucerna).	I; II-A; III; VII; VIII; IX-A, B, C; X; XIII (jarro); XVII (lucerna). Novidades: V/F1312m1; VI; XI; XV-A (jarro trilobado); XV-C (guttus-askos); XV-D (oinochoe); XVI (lucerna); XIX (guttus).	II; III; VII; VIII; IX-A, B, C; X; XIII (jarro). Novidades: L. 5, L. 6, IV/F1646, L. 55 (em lugar da forma I), L. 36 (em lugar da forma V), L. 27B, L. 31-33, L. 34ab, XVIII (jarro), outros pequenos jarros.
<b>Descrição dos produtos</b>	Média-baixa qualidade e baixa quantidade; imitações pontuais sem um repertório fixo; formas típicas do repertório local.	Alta qualidade; estampilhas decoram vários recipientes; reprodução cuidadosa de detalhes dos protótipos áticos; repertório estandardizado.	Alta qualidade dos produtos inspirados principalmente em protótipos áticos com primeiras influências itálicas; grande produção e expansão comercial; notável diversidade de decorações.	Redução da qualidade e gradual desaparecimento de estampilhas e outras decorações.

Figura 7. Cronologia de produção da cerâmica de tipo Kuass segundo Niveau e Sáez (2016) e Niveau (2014b).

dências detetáveis nas relações com outras realidades arqueológicas.

Em território algarvio foi possível reconhecer uma utilização de cerâmica de tipo Kuass em níveis da Idade do Ferro (IV-III a. C.) e em níveis tardo republicanos (II-I a. C.).

Em Castro Marim, nos níveis sidéricos reconheceram-se as formas I, II, VIII, IX A-B, XV (Sousa e Arruda 2010: 961), repertório que muda nos níveis tardo republicanos (II, V, VI, VII, IX A em Sousa 2010: 524). Destaca-se também a presença das formas II, V, X associados à ocupação tardo republicana detetada no Forte de São Sebastião (Arruda e Pereira 2008: 417; Sousa 2010: 524).

Também em Faro a comparação dos repertórios em Kuass provenientes dos níveis da Idade do Ferro (formas II, VIII, IX A-B-C, X em Sousa e Arruda 2010: 961) com o dos níveis tardo republicanos aparece manifestamente diferente com a introdução no último período de novas formas (II, V, IX A-B-C, X, F 1331, L. 5/F 2256 em Sousa 2010: 524).

Constatou-se esta diferenciação de repertórios no Monte Molião onde os níveis sidéricos apresentam as formas II, VIII, IX A-B-C (Sousa e Arruda 2010: 961) e os níveis tardo republicanos as formas II, IV, IX A-B, X, L. 6/F 1331 (Sousa 2010: 523).

#### 4. A CERÂMICA DE TIPO KUASS DE MÉRTOLA

##### 4.1. O CONJUNTO

O conjunto procedente das escavações resultantes para o Projeto de Ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola ultrapassa os 500 fragmentos. Para este estudo, foram selecionados os fragmentos provenientes de UEs estratigraficamente fiáveis, apontando para uma fase de ocupação homogénea do ponto de vista artefactual.

O conjunto provém das UEs 124, 143, 148 para um total de 130 fragmentos, dos quais 29 na UE 124, 8 na UE 143 e 91 na UE 148<sup>4</sup>. A distribuição dos fragmentos nos três fabricos identificados é homogénea, sendo o fabrico 1 e 3 os que têm mais indivíduos (NMI 43 e 46) e o fabrico 2 o que tem relativamente menos (NMI 41). O NMI, baseado principalmente na contagem dos bordos, alcança o número de 36, dos quais 23 estão presentes na UE 148, 10 na UE 124, 3 na UE 143.

A nível formal, estão sobretudo presentes os pratos de pescado de forma II (NMI 11), seguidos pelas taças

Ues	Grupo	Fragmento	Forma	Total	
124	1	bordo	IX	3	
		bordo e parede	II	1	
	2	bordo	II	1	
			IV	1	
			IX A	1	
	3	bordo	IV B	1	
IX A			2		
<b>124 Total</b>				<b>10</b>	
143	1	bordo	IV A	1	
			X A	1	
	3	bordo	IX A	1	
<b>143 Total</b>				<b>3</b>	
148	1	bordo	II	3	
			II A	1	
			IX	1	
			IX C	1	
	2	bordo	fundo	XIII A	2
			bordo	II	1
				II	4
	IX	1			
	3	bordo	IX A	1	
			parede e asa	XIII ?	1
bordo			II	2	
	II A	1			
	IX A	4			
<b>148 Total</b>				<b>23</b>	
<b>Total</b>				<b>36</b>	

Figura 8. Gráficos NMI por ues.

forma IX (9 indivíduos da variante A, 1 da variante B, 1 da variante C e 5 genericamente definidas como forma IX). Registamos também a presença dos pratos de pescado com rascunho de forma II-A (NMI 2), o prato de forma IV nas variantes A e B (NMI 3) e a taça X-A (NMI 1). Destacamos também a presença do jarro de forma XIII (indicado por um fragmento de parede e asa e por dois fundos).

Entre os indivíduos que permitiram o cálculo do diâmetro do bordo, verificamos que os pratos de forma II (NMI 6; incluindo o único exemplar de II-A) atestam-se entre os 14 e os 20 cm. Da mesma forma os dois indivíduos de prato de forma IV recalcam os extremos da forma anterior (14,3 e 19,2 cm). As taças de forma IX enquadram-se entre os 5 e os 10 cm (NMI 8), por sua vez a taça de forma X alcança os 18 cm.

A nível funcional verificamos o equilíbrio entre os pratos e as taças (NMI 16 e 17), sendo as formas fechadas em número diminuto (NMI 3) devido ao fraco consumo destas cerâmicas.

A atribuição de um fundo a uma dada forma nem sempre é um exercício imediato e fiável, tendo em conta o facto de estarmos perante um conjunto cujas diferenças formais são de uma certa forma aplanadas pelo carácter estandardizado da produção. Por esta

<sup>4</sup> Um fragmento da UE 124 cola com um outro da UE 148 e um fragmento da UE 143 cola com um fragmento da UE 131.

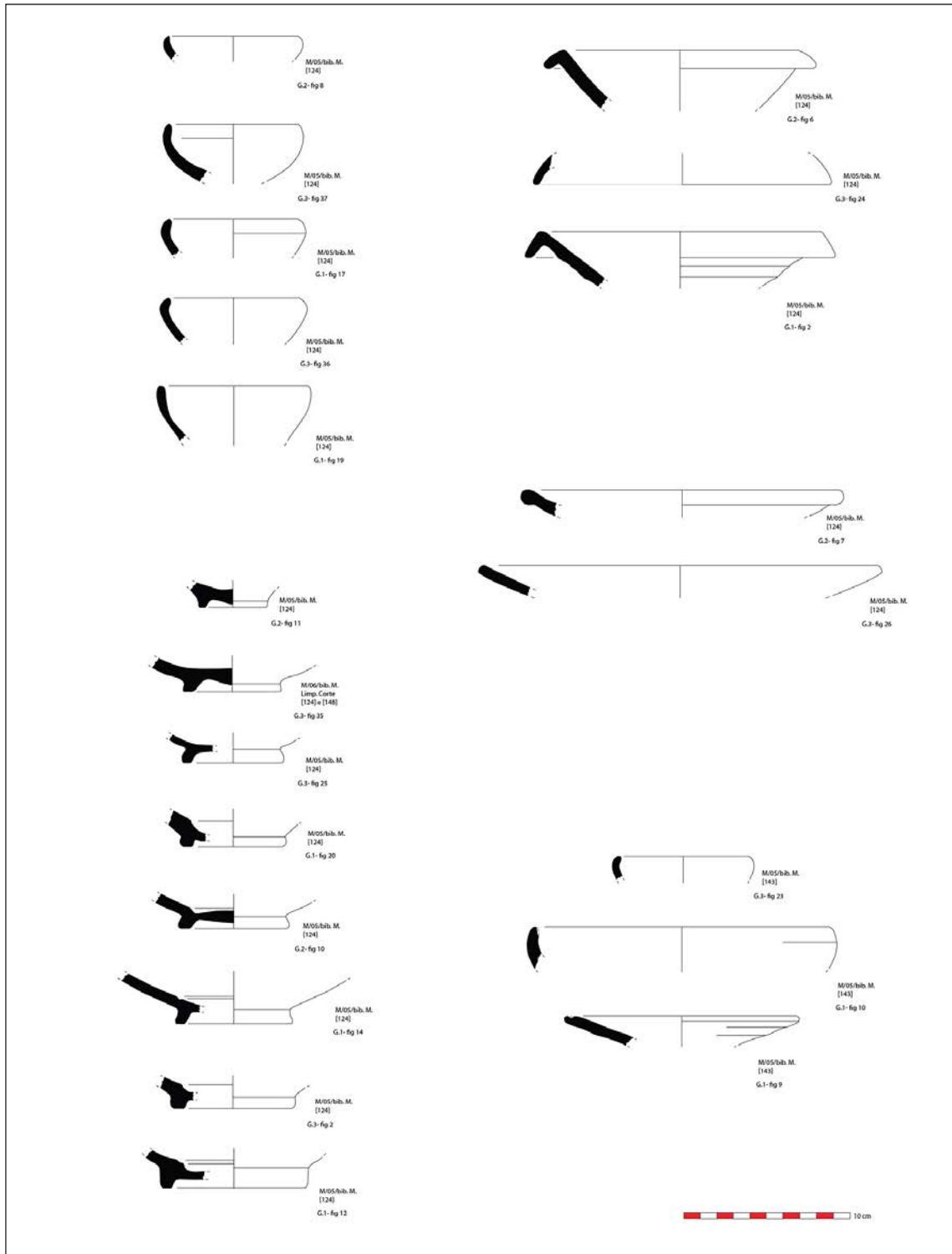


Figura 9. Cerâmica de tipo Kuass nas uuee 124, 143. De 1 até 18 formas da ue 124= 1-5 taças de forma IX; 6-13 fundos de taças e pratos; 14-16 pratos de forma II; 17-18: prato de forma IV. De 19 até 21 formas da ue 143= 19: taças de forma IX; 20: taça de forma X; 21: prato de forma IV.

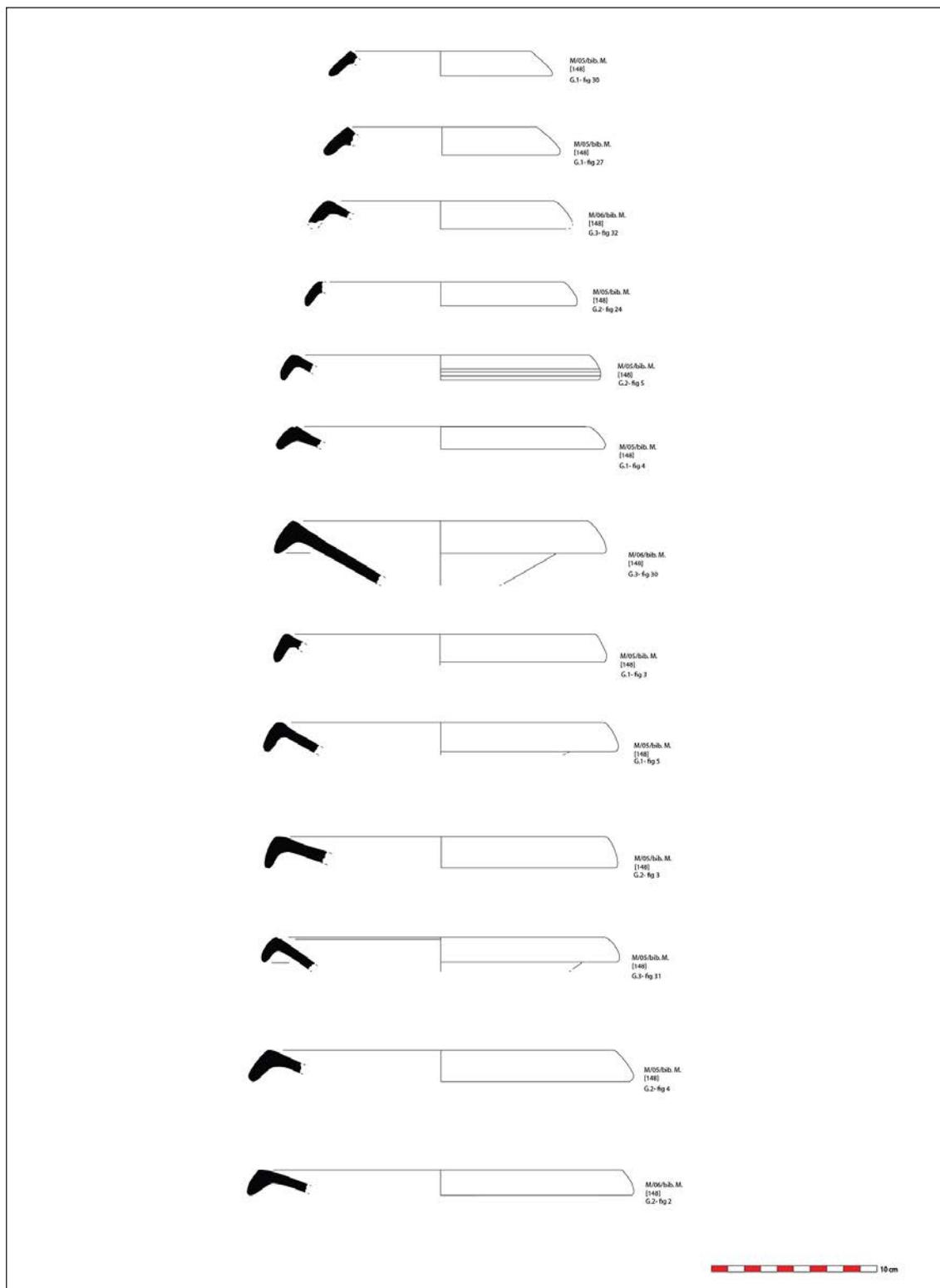


Figura 10. Cerâmica de tipo Kuass na UE 148. De 1 até 13: pratos de forma II.

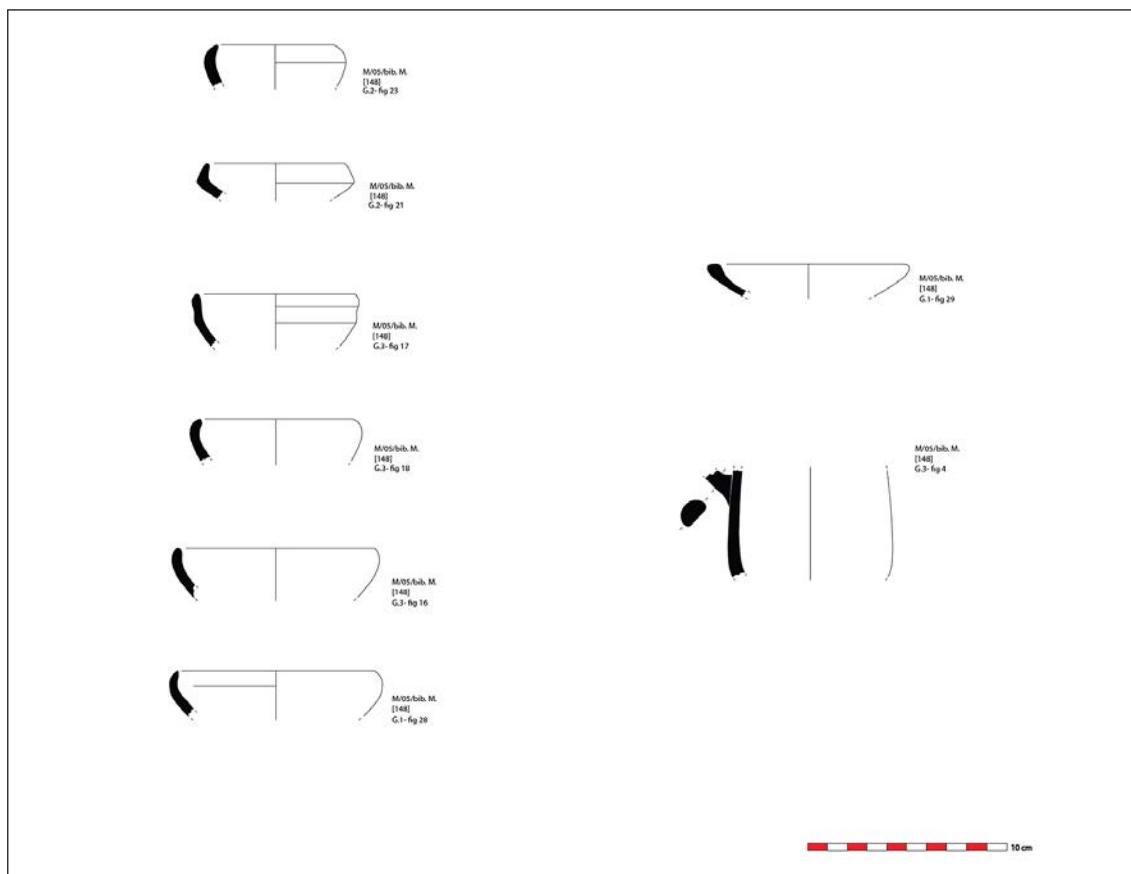


Figura 11. Cerâmica de tipo Kuass na UE 148. De 1 até 7: taças de forma IX; 8: jarro de forma XIII.

razão foram contabilizados só os fragmentos que, dado o tamanho, foi possível medir. Constatamos que aqueles com diâmetro entre os 4 e 5 cm são possivelmente atribuíveis à forma IX-A; os fragmentos com o tamanho entre os 5 e 6 cm foram atribuídos à forma XIII-A (2 fundos) dado o ângulo de abertura das paredes, sendo dois fundos de duvidosa atribuição (II/XIII-A e IX/XIII) e um outro atribuível à forma IX-A. Entre os 6,2 e os 8,4 cm só encontramos os pratos de forma II com 9 fundos (3 deles atribuíveis à forma II-A). Destacamos a ausência de decorações estampilhadas.

#### 4.2. COMENTÁRIOS

O estado fragmentário do conjunto é atribuível à natureza do contexto de exumação, tratando-se dum contexto habitacional e de lixeira com continuidade de ocupação.

A expressão em termos formais do conjunto proveniente das UEs 124, 143 e 148 é notável, sendo

possível o reconhecimento de 8 formas<sup>5</sup> face aos contextos tardo republicanos de Monte Molião (12 formas), Faro (6 formas) e Castro Marim (5 formas) (Sousa 2010; Sousa e Arruda 2013).

A presença esmagadora do prato de pescado II e da taça IX face às outras formas é mais um testemunho da estrita associação destas duas formas no interior dos conjuntos de cerâmica de tipo Kuass. Foi avançado constituírem, em contextos habitacionais, o “serviço de mesa mínimo individual” (Niveau 2008b: 268). A análise dos diâmetros dos bordos indica uma diferença em termos dimensionais entre pratos e taças, atestando os primeiros entre os 13 e os 20 cm e os outros entre os 5 e 10 cm (embora a taça de forma X alcance os 18 cm como acontece no caso das taças L. 27 em verniz negro itálico, sugerindo um consumo/apresentação de alimentos algo diferente dos seus congéneres de forma IX e mais em geral diferente do repertório típico da própria classe). A forma II está ge-

<sup>5</sup> No cálculo do número das formas, consideramos as variantes da forma IX como uma única forma.

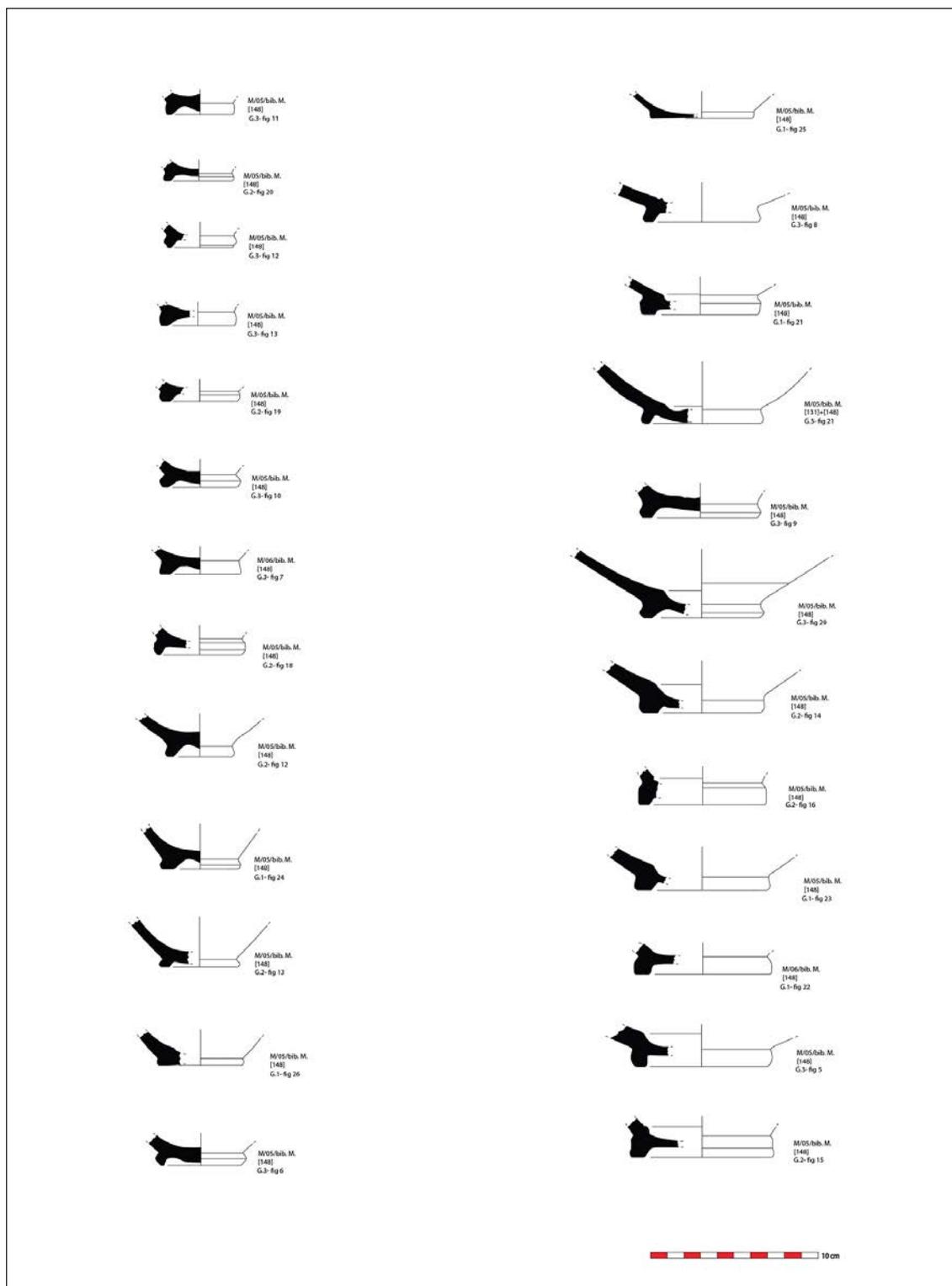


Figura 12. Cerámica de tipo Kuass na UE 148. De 1 até 9, 11 e 13: fundos de taças; 10, 12 e 14: prováveis fundos da forma XIII; 15-25: fundos de pratos de forma II.

ralmente relacionada principalmente com o consumo de pescado, embora pudesse conter outros alimentos como pão, frutas, etc. Foram também atestados outros usos quer como tampa de *lekane*, quer como suporte (na depressão central interna) de pequenos copos/taças que conteriam molhos ou temperos (Campanella 1999: 50 *apud* Niveau 2003b: 23-24). As taças de forma IX e X são consideradas polifuncionais e relacionáveis com o serviço de mesa (IX-A e X) e com as práticas rituais (IX-B e C).

Em termos funcionais, a escassa presença do prato de forma IV pode ser considerado como um indicador da preferência da comunidade por uma forma mais enraizada no substrato cultural, o prato de pescado.

De forma geral as formas fechadas de tipo Kuass são usadas ou como complemento do serviço de mesa enquanto recipientes para conter e servir líquidos ou nas práticas culturais para fazer libações<sup>6</sup>. Em Mértola, a presença da forma XIII, embora reduzida, é atestada em contextos habitacionais, proporcionando importantes informações sobre os hábitos no local e sobre a distribuição destas formas. Atualmente, a maioria das evidências para a forma XIII provém dos centros produtores de Pery Junquera (Niveau 2004a), circunstância que não proporciona informações sobre os contextos de uso e consumo. Em Carteia foi reconhecido um exemplar de forma XIII não proveniente da zona cultural (Roldán *et alii* 2006: 321); em Castro Marim foi reconhecido um bordo de forma XIII (referido como forma XV em Sousa 2009: fig. 47, n.º 26) numa zona de acumulação de cinzas e carvões (UE [64]) não sendo possível relacioná-la com estruturas habitacionais.

No conjunto de Mértola não foram detetadas lucernas, contrariamente aos conjuntos gaditanos do Castillo de Doña Blanca e Las Cumbres (Niveau 2003a: 147 *apud* Sousa 2009: 69). A única detectada até ao momento em território português é um fragmento exumado em Monte Molião (Sousa e Arruda 2013). A sua escassez nestas paragens pode ser, mais uma vez, uma escolha “consciente” das comunidades envolvidas no processo comercial, embora sejam necessários mais dados empíricos que corroborem estas ilações. A predominância em termos numéricos das formas II e IX é a característica mais visível do conjunto em estudo, embora sozinha não permita afinar a cronologia, dada a sua difusão também em contextos coevos ao período de produção massiva destas formas (Sousa 2010: 525). Foi proposto ver na preponderância da forma II

face ao IX um indicador de momentos tardios (Sousa 2009: 69). O conjunto de Mértola mostra um substancial equilíbrio entre as duas formas e o prato II-A com rascunho no bordo, também considerado índice de antiguidade (Niveau 2004a: 682), só apresenta 2 indivíduos face aos 11 da forma II sem rascunho. O que diz respeito ao jarro de forma XIII, encontrou-se um paralelo para nas *olpai* de tradição grega e na forma Lamb. 58 (F5210-5220), típica das oficinas etruscas do território de Volterra (Niveau 2004b: 196). Embora os protótipos fossem de cronologia mais antiga (IV-III a. C. para a produção volterrana, segundo Morel 1981a: 339-340), os produtos gaditanos só se encontram em contextos de meados do séc. II a. C., apesar de um exemplar procedente do Castillo de Doña Blanca (Niveau 2004b: 196).

A nível de fabricos, consideramos que a elevada porosidade e o revestimento escassamente aderente às peças podem ser indicadores das fases finais de produção das oficinas.

Tendo em conta estas considerações e comparando-as com a definição de periodização de produção da fase IV (Fig. 9), propomos enquadrar o conjunto no século II a. C. e mais concretamente em meados/segunda metade do mesmo.

Obviamente, futuras análises focadas no estudo de informações contextuais e de materiais associados poderão proporcionar mais dados para contribuir para uma melhor definição deste período da vida da comunidade mertolense.

#### 4.3. VALOR E CONSUMO DAS IMPORTAÇÕES DE CERÂMICA DE TIPO KUASS

Foi proposto que a nível qualitativo e quantitativo a presença de determinadas classes cerâmicas possibilitem a delimitação de áreas de influência socio-económico-políticas (Principal 1998: 179 *apud* Niveau 2008b: 267). Com o objetivo de valorizar a cerâmica de tipo Kuass enquanto indicador para a delimitação da área de influência gaditana, Niveau (2001, 2008a) propôs a distinção em quatro zonas (“círculos de distribución”) dos territórios que tem recebido estas cerâmicas, dividindo-os segundo fatores geográficos, por práticas de utilização (em comparação com outras classes cerâmicas) e por valências sociais (demanda seletiva, valor dos produtos).

Já outros investigadores sublinharam que o reconhecimento de grupos étnicos através do registo arqueológico possa conduzir a equívocos interpretativos enquanto se esteja a lidar com realidades muito flexíveis do ponto de vista interpretativo (Jones 1997; Garcia Fernández 2007). Contudo, a autora ultrapassa

<sup>6</sup> Entre as formas fechadas em tipo Kuass que parecem ter tido mais sucesso, o jarro ou oinochoe de forma XV é presente na necrópole gaditana (Niveau 2004b: 199) e na área sacra de Carteia (Roldán *et alii* 2006: 320).

este obstáculo atribuindo à cerâmica de tipo Kuass prioritariamente um significado cronológico e “cultural” e não étnico, embora admita a coincidência destes últimos dois parâmetros (Niveau 2008b: 264). Partindo do pressuposto segundo o qual a explosão das oficinas “proto campanienses” é o resultado de uma urgência por parte das sociedades ibéricas de preencher o *vacuum* deixado pelo desaparecimento nos mercados dos produtos áticos através de fenómenos imitativos (Niveau 2008b: 265), no caso da cerâmica de tipo Kuass, a sua incidência e complementaridade (coexistência) com outros produtos importados e com o reportório de cerâmica de mesa de produção local, é considerado como discriminador do seu carácter de objeto de “semi-luxo” (Niveau 2014a: 181).

O conceito de “luxo” ou de “bens de valor” nem sempre remete para questões de ordem económica<sup>7</sup>; contrariamente, como afirma Simmel (1978 [2004]: 67), o valor de um objeto não é estimado pelo simples facto de ser difícil de adquirir. A partir desta perspectiva, o autor alemão tira a leitura do conceito de valor dos objetos além dos meros aspetos económicos numa mais geral experiência humana das práticas sociais, afirmando que o “valor” não é uma qualidade de um objeto mas sim um juízo sobre ele que permanece inerente a um sujeito, a um indivíduo (Simmel 1978 [2004]: 63; também Gregory 1997). Sendo os valores uns “cadeados” que ligam relações entre objetos com relações entre pessoas, eles são “forms of human consciousness that describe what is and prescribe what should be. As descriptions they clarify the relations between the reproduction of things and people in specific historical, geographical and social settings; as prescriptions they guide the actions taken to transform a found chaos into a desired order, or, what amounts to much the same thing, to reform an existing state” (Gregory 1997: 12-13). É esta ordem que cria um sistema de valores geralmente aceite (ou não: Geary 1986 falando das disputas sobre as “equivalências” entre relíquias), ou seja categoriza e classifica uma série de objetos através da atribuição a cada um, de um lugar certo numa escala de valores (Lesure 1999: 27). Como este autor destaca: “Gradations are a fertile framework for metaphoric elaboration because they simultaneously assert both similarity and difference. Gradations of values provide a structure within which objects used in one context reference objects deployed in other contexts and call implicitly for comparison and evaluation” (Lesure 1999: 28).

Em grande escala, se entendermos a difusão da cerâmica de tipo Kuass como fenómeno complemen-

tar ao comércio anfórico gaditano, então deveríamos perguntar-nos que tipo de “gradação de valores” tinha e se de facto era um artigo vendido à parte enquanto “valioso” (pelo seu carácter “exótico”!) do ponto de vista económico e eventualmente relacionado a específicas práticas conviviais ou se se integrava no fluxo de artigos de proveniência gaditana atestada, por exemplo, como nos próximos sítios algarvios (Sousa e Arruda 2010). Em pequena escala, as mudanças de especificidades na vida social dos objetos (Appadurai 1986) faz com que aqueles importados assumam vários significados consoante um dado período da própria existência. Desta forma o seu estatuto de objeto de luxo, enquanto objeto importado, perde esta sua conotação para se tornar “context-sensitive”.

Um outro aspeto a considerar é a relação entre a quantidade de objetos importados e o valor destes. A consideração, segundo a qual a quantidade determina o valor de um objeto tem de ser matizada na medida em que esta variável não pode ser admitida como um critério absoluto para estimar o valor dos objetos. Recentes estudos virados para contextos funerários (Chang 2008: 164), demonstram como o provável status elevado dos produtos importados face à cerâmica de produção local seja difícil de argumentar mantendo esta dicotomia. É muito provável que o uso e o valor dos produtos cerâmicos fossem manipulados de formas mais articuladas e complexas (Chang 2008: 244). Com estas premissas, admitindo que as propriedades físicas e o aspeto estético possam ser considerados como os veiculadores do exotismo e da consequência da mais-valia de um objeto, não parece um dado determinante na hora de considerar a sua presença como indicador do status elevado do proprietário.

Para a análise do uso e do valor dos artefactos importados reveste-se de particular importância o estudo contextual. Detalhes interessantes provêm da zona de Cádiz, onde foi possível reconhecer formas de cerâmica de tipo Kuass destinadas para o serviço de mesa e outras utilizadas também em âmbito cultural (Niveau 2014a: 178). A presença em contextos habitacionais, principalmente de determinadas formas, como o prato Kuass II e o taça Kuass IX-A indica uma prática convivial orientada para o consumo individual (considerados os diâmetros destes recipientes) de alimentos através deste “serviço de mesa mínimo” (Niveau 2008b: 268), eventualmente acrescentado pela lucerna Kuass XVI. Situação diferente nos contextos rituais/culturais, nos quais não foi detetada a predominância de específicas formas mas um conjunto de formas caracterizada por uma produção “arcaica” tratando-se de contextos do séc. III a. C. (Niveau 2003b), como é o caso da

<sup>7</sup> Veja-se “labourtheory of value” de Karl Marx.

copa Kuass IX-B e VIII e o bolsal Kuass VII. Além destas formas destaca-se a mais elevada presença nestes contextos dos pratos Kuass I e III e do jarro Kuass XV, continuando a estar presente também o prato Kuass II. A partir destas considerações a autora Niveau (2014a) procurou uma definição que fizesse justiça às particularidades desta produção considerando-a “semi-luxuosa”: de um lado, não a define luxuosa por causa da sua escassa qualidade e produção massiva se comparada às importações áticas no território peninsular, por outro lado, não a considera “comum” pela sua expressividade formal em contextos funerários-rituais, facto que a tornaria “valiosa”, de um lado por herdar o papel da cerâmica grega e do outro lado por ter sido produzida intencionalmente para este fim (Niveau 2014a: 181). Contudo, parece-nos que durante as cerimónias culturais na necrópole gaditana (Niveau 2003b e 2009), a presença de cerâmica de tipo Kuass e de cerâmica de mesa em fabrico “comum” tenha partilhado pelo menos do ponto de vista funcional a mesma importância. Este facto deixaria antever uma justaposição de valores assinados pelos agentes dos rituais a estas produções, focando a atenção mais em questões de ordem funcional. Se de facto a produção de cerâmica de tipo Kuass tenha tido uma maior inspiração para o repertório formal funerário-ritual, é justo averiguar o mesmo para a produção em cerâmica comum, que proporcionaria exemplos das formas em miniaturas e outras facilmente relacionáveis com o universo cultural, os jarros, unguentários, lucernas e queima perfumes/incensários.

## 5. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A cerâmica de tipo Kuass assumiu, durante a última década, um papel essencial na identificação da fase mais tardia da Idade do Ferro na área meridional do território peninsular. A sua produção, que se estende desde o último quartel do séc. IV a. C. até ao período romano-republicano, passa por diferentes fases de evolução morfológica, que tornaram esta classe cerâmica num indicador essencial para uma delimitação, mais específica, das cronologias de ocupação humana no sul da Península Ibérica.

O contributo de Rego *et alii* (1996) para o conhecimento da cerâmica de tipo Kuass em Mértola foi de referência nas publicações sobre a difusão desta cerâmica no território português. A presente análise vai enriquecer os dados previamente recolhidos no artigo acima referido, por um lado através de uma abordagem quantitativa e qualitativa ao conjunto e por outro lado, porque este demonstra-se valioso por

ter sido recolhido em condições que permitiram uma leitura estratigráfica e contextual do conjunto.

O conjunto aqui estudado demonstra o êxito que teve esta classe cerâmica em *Myrtilis* durante os meados/segunda metade do séc. II a. C., certificando por outro lado a estrita conexão que teve com a área andaluza. A cronologia de uso do conjunto mertolense é similar àquela verificada nos centros produtores do Baixo Guadalquivir (Moreno *et alii* 2014: 134). Contudo, o consumo destes produtos se verifica em conjunto às produções em verniz negro itálicas (nomeadamente 33% e 67% no conjunto das UEs aqui tratadas). De facto, estes momentos visualizam a introdução dos produtos itálicos provavelmente mediados por agentes gaditanos ou do seu redor que difundiriam em conjunto estas diferentes produções.

O reconhecimento em Mértola de um numeroso conjunto de cerâmicas de tipo Kuass certifica o importante papel desta cidade enquanto sítio recetor e consumidor com proeminência à escala regional. Por isto, a concentração de materiais apenas descrita não parece perspetivar, dada a sua localização e as possibilidades que oferecia em termos de redistribuição de mercadorias para outros sítios no interior. A título de exemplo cabe lembrar a presença destes materiais mais a Norte, nomeadamente no Castelo Velho de Safara (Costa 2010), em Beja (Grilo 2007) e para Oeste em Mesas do Castelinho (Estrela 2010: 36 e segg.), embora em quantidades reduzidas. Admitindo uma difusão fluvial destes produtos para o interior, parece aceitável propor uma leitura deste fenómeno tendo em conta o papel mediador de Mértola.

Contudo, não devemos esquecer que o carácter mediterrânico de Mértola pode ser um reflexo da relação que intercorre com o povoado da foz do Guadiana, Castro Marim, outro centro particularmente ativo do ponto de vista comercial (Arruda *et alii* 1998: 146-147). Esta relação foi entendida assumindo um diferente papel das duas cidades: Castro Marim mais virada à exploração do mar, em termos industriais e comerciais (Arruda *et alii* 2007: 480) e Mértola como ponto de redistribuição de e para um interior rico em recursos metalíferos e agropecuários (Barros 2010: 433).

As formas identificadas no conjunto de Kuass mertolense mostram uma notável variedade de repertório. Em termos de práticas comensais destacamos a presença de jarros que, embora em número diminuto, testemunha a utilização destes recipientes em contextos habitacionais. A ausência de lucernas não indica necessariamente o desconhecimento desta forma no sítio (Luís 2003a: 101), mas uma fraca ou nula demanda destes artigos para o presente contexto, situação que se verifica também nos contextos algar-

vios<sup>8</sup> (Sousa 2009). Contudo a relativa frequência das formas XVI e XVII em contextos gaditanos, tanto habitacionais como culturais, (Niveau 2003b: 13) e do Baixo Guadalquivir (Moreno *et alii* 2014: 133, fig. 6) pode ser um indicador de diferentes gostos entre estas regiões mais do que uma diferença em termos de hábitos culturais, vista a possibilidade de utilização de outros recipientes, como por exemplo pequenas taças em cerâmica comum, para funções similares (Luzón 1973: 37 *apud* Niveau 2001: 161).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Nélia Romba, desenhadora do Campo Arqueológico de Mértola, pelo trabalho e dedicação que teve com os desenhos das peças aqui apresentadas. Ao Antonio Sáez Romero pela leitura do artigo e dicas na identificação de peças. Um agradecimento ao/s revisor/es pelas oportunas observações e dicas, as quais contribuíram para melhorar este trabalho.

Todos os erros e omissões no texto são inteiramente de responsabilidade dos autores.

## BIBLIOGRAFIA

- Appadurai, A. 1986: "Introduction: Commodities and the Politics of Value", A. Appadurai (coord.), *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, Cambridge, 3-63.
- Aranegui, C. 2001: *Lixus. Colonia fenicia y ciudad púnico-mauritana. Anotaciones sobre su ocupación medieval*, Saguntum Extra 4, Valencia.
- Aranegui, C. 2005: *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2002-2003*, Saguntum Extra 6, Valencia.
- Arruda, A. M., Barros, P. e Lopes, V. 1998: "Cerâmicas áticas de Mértola", *Conimbriga* 37, 121-149.
- Arruda, A. M., Freitas, V. e Oliveira, C. P. 2007: "Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim", López Castro (ed.), *Las ciudades fenicio-púnicas en el Mediterráneo Occidental. III Coloquio Internacional del Centro de Estudios Fenicios y púnicos*, Almería, 459-482.
- Arruda, A. M. e Pereira, C. 2008: "As ocupações antigas e modernas do Forte de S. Sebastião (Castro Marim)", *XELB* 8, Silves, 391-421.
- Barros, P. 2008: "Mértola nos meados do primeiro milénio a. C.", J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana 1: El río Guadiana en época post-orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI, Mérida, 399-414.
- Barros, P. 2010: "Mértola entre os séculos VI e III a.C.", *Los Púnicos de Iberia: Proyectos, Revisiones, Síntesis*. Mainake 32-1, 417-436.
- Bernal, D., Lorenzo, J., Expósito, J., Sáez, A. e Díaz, J., 2004: "Las innovaciones tecnológicas itálicas en la alfarería gadirita (s. II a.C.). A propósito del taller anfórico de la Avda. de Portugal", D. Bernal e L. Lagóstena (eds.), *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*, BAR Int. Series 1266, Oxford, 621-632.
- Campanella, L. 1999: *Ceramica punica di età ellenistica da Monte Sirai*. Collezione di Studi Fenici 39, Roma.
- Chang, K.-J. 2008: *Social use and value of trade ceramics: an analysis of mortuary practices in Calatagan, southwest Luzon, the Philippines*, Tese Doutoral, University College of London.
- Costa, T. 2010: *O Castelo velho de Safara (Moura): elementos para o seu estudo*, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Escacena, J. L. e Moreno, V. 2014: "Cerámica de tipo Kuass procedente de Caura, ¿testimonios de un nuevo centro de producción?", *Archivo Español de Arqueología*, 87, 75-90. <https://doi.org/10.3989/aespa.087.014.005>
- Estrela, S. 2010: *Os níveis fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar): os contextos arqueológicos na (re)construção do povoado*, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Fabião, C. 1987: "Ánforas romanas republicanas de um depósito de Mértola no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia", *O Arqueólogo Português*, Série IV, 5, 125-148.
- Faria, A. M. 1995: "Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português", M. P. García-Bellido e R. M. S. Centeno (eds.), *La moneda hispánica: ciudad y territorio (Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua, Madrid, noviembre 1994)*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XIV, Madrid, 143-153.
- Fernandes, E. 2012: *Cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana (séculos V a VII)*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- García Fernández, F. J. 2007: "Etnología y etnias de la Turdetania en época prerromana", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología* 33, 117-143. <https://doi.org/10.15366/cupauam2007.33.006>
- García Fernández, F. J. e Ferrer, E. 2010: "Das turdetanische Emporium Spal. Der punische Handelsverkehr im vorromischen Sevilla (5.-2. Jahrhundert v. Chr.)", *Madridrer Mitteilungen* 52, 335-374.
- Geary P. 1986: "Sacred commodities: the circulation of medieval relics", A. Appadurai (coord.), *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, Cambridge, 169-194.
- Gómez Martínez, S. 2006: *Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*, Tese Doutoral, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/7087/>.
- Gregory, C. A. 1997: *Savage Money. The Anthropology and Politics of Commodity Exchange*, Amsterdam.
- Grilo, C. 2007: "A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja", *Vipasca-Arqueologia e História* 2, 2ª série, 261-268.
- Jones, S. 1997: *The Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present*, London.
- Kbiri Alaoui, M. 2007: *Revisando Kuass (Asilah, Marruecos). Talleres cerámicos en un enclave fenicio, púnico y mauritano*, Saguntum Extra 7, Valencia.
- Lesure, R. D. 1999: "On the Genesis of Value in Early Hierarchical Societies", John E. Robb, (cords.) *Material Symbols:*

<sup>8</sup> A exceção do fragmento de Monte Molião (Sousa e Arruda 2013).

- Culture and Economy in Prehistory*, Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper 26, Carbondale, 23–55.
- Lopes, V. (coord.) 2012: *Casa Romana- Museu de Mértola, Catálogo*, Mértola.
- Luís, L. 2003a: *As cerâmicas campanienses de Mértola. Instituto Português de Arqueologia*, Trabalhos da Arqueologia, 27, Lisboa.
- Montero, A. I., Montero, R., Sáez Romero, A. M., e Díaz, J. J. 2004: “Innovaciones, transformaciones y pervivencias. Evolución de la alfarería gadirita durante los ss. III-II a.n.e.”, D. Bernal e L. Lagóstena (eds.), *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*, BAR Int. Series 1266, II, Oxford, 413-426.
- Morel J.-P. 1981a: *La céramique campanienne: les formes*, Rome.
- Moreno, V. 2012: *La cerámica de tipo Kuass en el Bajo Valle del Guadalquivir*, Tese de Mestrado, Universidad de Sevilla.
- Moreno, V.; Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. e García Fernández, F. J. 2014: “Nuevas evidencias sobre imitaciones de cerámica de tipo Kuass en el valle del Guadalquivir.” R. Morais, A. Fernández e M. J. Sousa (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispania. II Congresso Internacional da SECAH: Ex Officina Hispana*, vol. I, Porto, 125-138.
- Muñoz Vicente, A. e Frutos Reyes, G. de 2005: “Hacia una sistematización del marco político y socio-económico de Gadir durante la etapa púnica (siglos VI-V a. n. e.)”, *Spal* 14, 123-144. <https://doi.org/10.12795/spal.2005.i14.05>
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 1999: “La cerámica ‘tipo Kuass’. Avance a la sistematización del taller gaditano”, *Spal* 8, 115-134. <https://doi.org/10.12795/spal.1999.i8.07>
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2002-2003: “La cerámica gaditana ‘tipo Kuass’: Item cronológico para los contextos tardopúnicos del sur peninsular”, *Pyrenae* 33-34, 175-209.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2003a: *Las Cerámicas Gaditanas “Tipo Kuass”. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*, Madrid.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2003b: “El uso ritual de la vajilla cerámica en la necrópolis púnica de Cádiz”, *Archivo Español de Arqueología* 76, 3-30. <https://doi.org/10.3989/aespa.2003.v76.103>
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2004a: “La producción de barniz púnico-gaditano en el s. II a.C. Nuevos datos aportados por el conjunto alfarero de Pery Junquera (San Fernando, Cádiz)”, D. Bernal e L. Lagóstena (eds.), *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*, BAR Int. Series 1266, Oxford, 677-690.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2004b: “Addenda a la tipología de la cerámica púnico-gaditana de barniz rojo o ‘tipo Kuass’. Acerca de las formas cerradas”, *Spal* 13, 181-214. <https://doi.org/10.12795/spal.2004.i13.07>
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2008b: “La aportación de la cultura material a la delimitación del ‘Círculo del Estrecho’: la vajilla helenística de ‘tipo Kuass’”, *Los fenicios y el Atlántico: IV Coloquio del CEFYP*, Madrid, 259-296.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2009: *Ofrendas, banquetes y libaciones. El ritual funerario en la necrópolis púnica de Cádiz*, Spal Monografías XII, Sevilla.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2014a: “La imitación de producciones griegas en ámbito fenicio. La vajilla helenística del círculo púnico-gaditano”, R. Graells et alii (eds.), *El problema de las «Imitaciones» durante la Protohistoria en el Mediterráneo centro-occidental: entre el concepto y el ejemplo*, Iberia Archaeologica 18, Madrid, 169-184.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. 2014b: “El éxito de la vajilla helenística ‘tipo Kuass’ ¿resultado de la adopción de una moda estética o reflejo de transformaciones culinarias y comensales?”, F. J. García Fernández e E. García Vargas (eds.), *Comer a la Moda: Imitaciones de Vajilla de Mesa en la Bética Occidental durante la Antigüedad (s. VI a. C. -VI d. C.)*, Barcelona, 119-173.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. e Sáez Romero A. M. 2016: “The red slip finewares of Punic and early Roman Gadir / Gades (4th-1st centuries BC): an updated assessment of the so-called ‘Kuass ware’”, S. Yapp e P. Kogler (eds.), *Proceedings of the 1st Conference of the International Association for Research on Pottery of the Hellenistic Period. Traditions and innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*, (Berlin, 7-10 November 2013), Wien, 55- 68.
- Palma, M. F. 2009: *Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local*, Tese de Mestrado, Universidad de Huelva.
- Palma, M. F. e Gómez, S. 2008: “Níveis Islâmicos da Biblioteca Municipal de Mértola”, *Actas do IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Huelva, 1390-1315.
- Ponsich, M. 1968: “Alfarerías de época fenicia y púnico-mauritana en Kuass (Arcila, Marruecos)”, *Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia* 4, 3-25.
- Ponsich, M. 1969: “Les céramiques d’imitation: La campanienne de Kouass. Région d’Arcila-Maroc”, *Archivo Español de Arqueología* 42, 56-80.
- Principal, J. e Ribera, A. 2013: “El material más apreciado por los arqueólogos. La cerámica fina - la cerámica de barniz negro”, *Manual de cerámica romana. Del mundo Helenístico al Imperio romano*. Alcalá de Henares, 43- 146.
- Rego, M., Guerrero, O. e Gomez, F. 1996: “Mértola: una ciudad mediterránea en el contexto de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana”, *I Jornadas Transfronterizas sobre las Contindas*, Aroche, 119-132.
- Roldán, L., Bendala M., Blánquez J. e Martínez, S. 2006: *Estudio histórico-arqueológico de la ciudad de Carteia (San Roque, Cádiz) 1994-1999*, Vol. I y II. Arqueología, Monografías 24, Madrid.
- Roman, J. M. 2010: “Evidencias funerarias de la Edad del Bronce en Carmona: I. A. P. en el solar n. 1 de la calle Torre del Oro”, *Anuario Arqueológico de Andalucía* 2004, 2, 1000-1050.
- Sáez Romero, A. M. 2007: “Reflexiones acerca de la influencia formal de las importaciones griegas y su reflejo en los repertorios cerámicos de Gadir en época tardopúnica”, *Actas del III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Vipasca. Arqueologia e História 2, 2ª serie)*, Aljustrel, 220-231.
- Sáez Romero, A. M. 2008: *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos III-I)*, BAR Int. Series, 1812, Oxford.
- Sáez Romero, A. M., Montero Fernández, A. e Díaz Rodríguez, J. J. 2005: “La producción alfarera de época púnica en Gadir (ss. VI-IV a.n.e.)”, *Encuentro de Jóvenes Investigadores sobre Bronce Final y Edad del Hierro en la Península Ibérica*, Salamanca, 479-501.

- Simmel, G. 1978 [2004]: *The Philosophy of Money*, London & New York.
- Sousa, E. 2009: *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*, Cadernos da UNIARQ 4, Lisboa.
- Sousa, E. 2010: "The use of 'Kouass ware' during the republican period in Algarve (Portugal)", *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 41, Abingdon, 523-528.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2010: "A gaditanização do Algarve", *Mainake* 32 -II, 951-974.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2013: "A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos)", *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 651-659.

Recibido: 01-03-2016

Aceptado: 25-08-2016